



Maria José, cujos vizinhos resistiram à derrubada dos barracos no setor de chácara do P. Sul, mostra-se desesperada e diz que não tem como nem para onde se mudar com a sua família

Invasor tenta negociar mudança

Surgem as primeiras notícias de acertos entre invasores que querem se transferir de uma área para outra no Distrito Federal

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do *Correio*

A procura de uma nova área para invadir. Desempregado há quatro meses e com o aluguel atrasado, José dos Reis, 44 anos, estuda uma área pública onde possa construir o seu barraco de madeirite. Aquele que ele fez, na expansão do bairro Areal, em Taguatinga Sul, foi derrubado sábado pelos fiscais do governo na operação desmonte dos quase 500 barracos que ocupavam irregularmente o terreno da Terracap.

A idéia era construí-lo no Recanto das Emas, na invasão da quadra 605, que não pára de crescer. Na manhã de ontem ele esteve lá, conversando com Gilberto Moitinho, um dos líderes dos invasores. Mas a proposta feita, segundo Gilberto, foi outra: a remoção das famílias que até a semana passada ocupavam o Areal para o Recanto das Emas.



invadido da quadra 605 do Recanto das Emas. Levantamento preliminar da administração regional aponta 2 mil barracos de madeirite, entre novos e antigos, na invasão.

Gilberto comanda a Amreli — Associação dos Moradores Excluídos da Lista-Limpa do Idhab (Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal), entidade que já conta com aproximadamente 1,2 mil famílias de invasores. "Mas não estamos cadastrando mais ninguém e nem numerando os barracos novos que estão sendo construídos agora. Senão isso aqui vira bagunça. Vou lutar apenas pelo meu povo", afirma.

José dos Reis nega ter feito essa proposta. "Eu tô lutando por mim. Queria levar apenas a minha família", garante. "Não vou incentivar ninguém a ir para lá. Quem está indo, como uma família que eu sei, vai por conta própria." José foi um dos representantes da extinta invasão do Areal chamado ao Palácio do Buriti, na quinta-feira à tarde, para conversar com o governador Joaquim Roriz sobre uma solução para as famílias acampadas no terreno da Terracap.

"Ele sugeriu que a gente fosse para um acampamento. Mas não disse onde era", reclama José dos Reis. "Queria que eu me unisse a ele para trazer o pessoal tudinho pra cá. Não posso jamais, na minha vida, aceitar uma coisa dessas. Deus me livre! Não quero mais dor de cabeça", protesta Gilberto Moitinho, 40 anos, que mora no barraco 128, num lote



Ambrósia Barbosa e o marido Luiz Carlos Pereira: surpresa com os fiscais

"Estou numa situação complicada. O meu seguro-desemprego acabou e para albergue é que não vou. Tem condição um pioneiro de Brasília ir para albergue?"

Apesar do acordo entre os dois invasores não ter sido fechado oficialmente, famílias de várias partes do DF estão migrando para Samambaia e Recanto das Emas, segundo o capitão José Carlos das Neves, comandante do 11º Batalhão da Polícia Militar. "A todo segundo tem gente chegando aqui", endossa José Edgar de Souza, 33 anos, outra liderança que começo a desmontar no Recanto das Emas. Mas os invasores continuam sendo reprimidos.

Eram 10h da manhã quando os fiscais da Administração Regional de Ceilândia chegaram. QNP 22, setor de chácara, no P. Sul. Maria José amamentava a filha, Nayara, de três meses. "Eu não tenho para onde ir",

reclamou. Os vizinhos resistiram à derrubada dos barracos. João Rosa de Souza, 43 anos, chegou atrasado ao hospital onde três vezes por semana submete-se à hemodiálise. Teve medo de não ter casa para onde voltar. Protestos. Mas a madeirite acabou no chão.

A administração de Ceilândia também reclama. "Tenho denúncias de que está havendo especulação nesta área", diz a diretora de Fiscalização, Obras e Postura, Elisabete Borges. À tarde ela voltou ao local. Soube que os barracos estavam sendo reconstruídos. "Vamos derrubar de novo", admitiu. "Não vamos deixar que construam novos barracos." A diretora nega demolições de casebres habitados. "Essas moradias foram construídas segunda-feira. Não deu tempo de serem habitadas."

Não é o que diz Maria José da Silva, 28 anos, com Nayara no colo. "—

Eles entraram sem pedir licença na minha casa. Foram derrubando todas as paredes, com pé de cabra. Eu estava com minha filhinha no peito. Fiquei muito assustada", choraminga. Ela diz que o marido, Nilton Rabelo, 23, ajudante de padeiro na Octogonal, no meio da tarde ainda nem imaginava o que estava acontecendo em casa. "Eu não consegui avisar", justifica.

Os moradores da QNP 22, chácara 197 estão preocupados. Há famílias que moram em 20 a 30 barracos no local há vários anos. Como a mãe de Dayana Cristina, 16. "Mamãe foi a Afogados da Ingazeira, em Pernambuco, buscar vovô, vovó e um tio meu paralítico com a mulher e quatro filhos. Eles ligaram e ela saiu daqui desesperada", conta a menina. E enquanto não chegam os pais, outro barraco vai nascendo colado ao seu.

Ou melhor, vai sendo reconstruído. Ambrosia Barbosa de Souza, 33, diz que estava com os gêmeos Sara, Marcos, 2, e Diego de nove anos quando os fiscais chegaram. "Foi surpresa. Eram uns quatro homens. Meu marido saiu pra arrumar dinheiro pra comprar cimento", diz ela, em cima de um piso ainda com coloração de umidade. "Comecei a chorar e pedi que não levassem os móveis e para não demolir o barraco de seu João, o que faz hemodiálise, coitado"

João Rosa conta que foi pedreiro. Hoje vive com o dinheiro que a mulher consegue lavando roupas e de donativos. São os irmãozinhos da igreja evangélica que ajudam a sustentá-lo. "Me ajudam com a feira. Não posso sair daqui. Não tenho para onde ir, não tenho como pagar aluguel", lamenta.